



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS NA AMÉRICA LATINA**

**NEOLIBERALISMO E O FEMINISMO PERFORMÁTICO NO INSTAGRAM:
UM OLHAR SOB A LÓGICA DA PSICOPOLÍTICA**

ANA LUIZA MINATTI ATTUY

Foz do Iguaçu
2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS NA AMÉRICA LATINA**

**NEOLIBERALISMO E O FEMINISMO PERFORMÁTICO NO INSTAGRAM:
UM OLHAR SOB A LÓGICA DA PSICOPOLÍTICA**

ANA LUIZA MINATTI ATTUY

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Direitos Humanos na América Latina

Orientador/a: Profa. Dra. Juliana Franzi

ANA LUIZA MINATTI ATTUY

**NEOLIBERALISMO E O FEMINISMO PERFORMÁTICO NO INSTAGRAM:
UM OLHAR SOB A LÓGICA DA PSICOPOLÍTICA**

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Direitos Humanos na América Latina

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. (Titulação) (Nome do/a orientador/a)
UNILA

Profa. (Titulação) (Nome do/a Professor/a)
(Sigla da Instituição)

Profa. (Titulação) (Nome do/a Professor/a)
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do/a autor/a: _____

Curso: Especialização em Direitos Humanos na América Latina

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____ / ____ / ____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de ____ de ____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a todas as mulheres, às que ergueram bandeiras, às que sobreviveram como puderam e àquelas que, mesmo silenciadas pelo patriarcado, não tiveram a chance de falar, mas ainda assim sustentaram mundos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço à minha orientadora, não apenas pela orientação, mas também por sua escuta sensível diante do tema que eu propus, e pela clareza com que apontou possíveis caminhos ao longo deste percurso. Sua atenção, a confiança depositada em meu trabalho e suas correções foram fundamentais para a construção deste estudo.

Agradeço igualmente aos professores dessa Especialização, cujos ensinamentos contribuíram de maneira fundamental para a minha formação acadêmica e pessoal. Também, aos meus colegas de curso, pelas conversas e trocas que me acompanharam durante o processo e pelo apoio mútuo durante as aulas e fora delas.

Agradeço profundamente meus pais, por todo amor e por sempre acreditarem em mim, mesmo em nossas divergências de entendimento de mundo. A confiança que sempre depositaram em mim sustentou não apenas minha vida, mas também todo o percurso desta especialização.

Ao meu namorado, agradeço pelo apoio constante, pela paciência nos sábados que dividimos entre as aulas e nossos momentos juntos, por me escutar sempre que eu compartilhava o que aprendia e por permitir que minhas ideias também encontrassem espaço em sua mente. Obrigada por estar ao meu lado com carinho em todas as etapas deste processo.

Às minhas amigas de infância, que caminham ao meu lado desde o ensino infantil, agradeço por serem parte da minha história e da formação de quem eu sou hoje. Vocês foram as primeiras mulheres que me ensinaram sobre amor, amizade, força e resistência. Vocês foram as primeiras feministas que conheci, e eu levo cada uma comigo nesse trabalho.

Agradeço também aos amigos que a vida me deu, durante a faculdade e aqueles que encontrei pelos caminhos mais inesperados. Ter a amizade de vocês faz esta caminhada mais leve e significativa. Sou grata por terem me acompanhado, acreditado em mim e feito parte desse processo de crescimento que ultrapassa as páginas deste trabalho.

*“Coisas não podem ser consumidas infinitamente,
mas emoções sim. Emoções se desdobram para
além de seu valor de uso. Assim, inaugura-se um
novo e infinito campo de consumo.”*

— **Byung-Chul Han, *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder***

RESUMO

O presente trabalho analisa como o controle neoliberal, sob a perspectiva da psicopolítica de Byung-Chul Han, opera de forma sutil para manter estruturas de dominação por meio da influência na performatividade feminina. A partir de uma revisão bibliográfica e tomando como exemplo a análise de um perfil da plataforma Instagram, investiga-se como subjetividades, emoções e modos de vida são capturados e transformados em mercadorias desejáveis, reforçando narrativas individualizadas de empoderamento desvinculadas de transformações coletivas. Observa-se que a lógica neoliberal reorganiza afetos e comportamentos, convertendo pautas históricas do feminismo em produtos emocionalmente atraentes. A pesquisa indica que o Instagram funciona como um dispositivo psicopolítico que, ao promover estéticas de liberdade e escolha, contribui para mascarar desigualdades de gênero e manter formas contemporâneas de controle simbólico.

Palavras-chave: Psicopolítica; Performatividade Feminina; Instagram; Byung-Chul Han.

RESUMEN

El presente trabajo analiza cómo el control neoliberal, desde la perspectiva de la psicopolítica de Byung-Chul Han, opera de manera sutil para mantener estructuras de dominación mediante la influencia en la performatividad femenina en Instagram. A partir de una revisión bibliográfica y del análisis de un perfil de la plataforma, se investiga cómo subjetividades, emociones y modos de vida son capturados y transformados en mercancías deseables, reforzando narrativas individualizadas de empoderamiento desvinculadas de transformaciones colectivas. Se observa que la lógica neoliberal reorganiza afectos y comportamientos, convirtiendo demandas históricas del feminismo en productos emocionalmente atractivos. Se concluye que Instagram funciona como un dispositivo psicopolítico que, al promover estéticas de libertad y elección, contribuye a enmascarar desigualdades de género y a mantener formas contemporáneas de control simbólico.

Palabras clave: Psicopolítica; Performatividad Femenina; Instagram; Byung-Chul Han.

ABSTRACT

This study analyzes how neoliberal control, from the perspective of Byung-Chul Han's psychopolitics, operates subtly to maintain structures of domination through its influence on female performativity on Instagram. Based on a literature review and the analysis of a platform profile, the research investigates how subjectivities, emotions, and ways of life are captured and transformed into desirable commodities, reinforcing individualized narratives of empowerment disconnected from collective transformations. The findings indicate that neoliberal logic reorganizes affects and behaviors, converting historical feminist demands into emotionally appealing products. It is concluded that Instagram functions as a psychopolitical device that, by promoting aesthetics of freedom and choice, contributes to masking gender inequalities and sustaining contemporary forms of symbolic control.

Key words: Psychopolitics; Female Performativity; Instagram; Byung-Chul Han.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
METODOLOGIA	13
1.1 Neoliberalismo como lógica subjetivante	13
1.2 Instagram e o Feminismo Performático	16
1.3 Do Movimento ao Enxame	19
1.4 Para Exemplificar	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

Vivemos em um período da história onde, mais do que um modelo de gestão econômica, o neoliberalismo se institui como uma lógica que atravessa a vida social, orientando comportamentos, afetos e moldando subjetividades. Essa nova dinâmica de racionalidade responsabiliza o indivíduo por sua própria existência e coloca no plano da escolha pessoal questões que, historicamente, são estruturais e coletivas. Com a criação e alcance das mídias digitais, como o Instagram (que será usado como exemplo nesse trabalho) o qual se utiliza da exposição e performance das pessoas, o Movimento Feminista é uma dessas questões que, em determinados contextos, tem suas bases distorcidas para manter estruturas de dominação sobre as mulheres, sob aparência de liberdade e empoderamento individual. Como entendem Lopes e Beck (2024), o Instagram funciona como um acervo de estilos de vida, atividades cotidianas e comportamentos, os quais servem como modelos que as pessoas podem ou não se identificar. Nesse cenário, elementos como estética, emancipação e bem-estar passam a operar, segundo Byung-Chul Han (2018), como novas formas de controle e governo psíquico no capitalismo contemporâneo.

Diante disso, atualmente podemos perceber como o sistema neoliberal se utiliza dessa nova forma de contato criada, para manter comportamentos e padrões, inclusive na maneira como mulheres constroem e performam sua identidade. Assim como pontua Medeiros (2017), as mudanças geradas por essas técnicas de governo possuem profundas repercussões para os movimentos sociais e para o entendimento do indivíduo sobre si mesmo e a sociedade. O Movimento Feminista, nesse contexto, passa a ser atravessado por lógicas de mercado que convertem pautas históricas de emancipação em narrativas individualizadas de empoderamento, muitas vezes desvinculadas de transformações coletivas. As redes sociais, em especial o Instagram, torna-se um espaço importante para disseminação dessa captura neoliberal.

Esse trabalho se apoiará na leitura psicopolítica de Byung-Chul Han (2018) para compreender esse fenômeno. O feminismo performático observado atualmente, particularmente no Instagram, atua a partir de uma dinâmica moderna do poder sutil neoliberal, onde a liberdade e a subjetividade é usada, e incentivada. Como argumenta Chun Han (2023) “muito mais eficiente é a técnica de poder que faz com que as pessoas se submetam ao contexto de dominação por si mesmas.” Nesse sentido, a autoexposição proporcionada pela plataforma, pela estética e performance, funciona como mecanismo

de poder, ao seduzir mulheres à apresentação constante de si e, em determinados contextos, à reprodução de normas e padrões de comportamento social, consumo e autopromoção. Essa dinâmica, embora produza a sensação de liberdade e empoderamento, evidencia como o poder contemporâneo opera silenciosamente na psique dos indivíduos. Deste modo, ao adentrarmos no campo da psicopolítica de Han (2018), buscamos compreender como o neoliberalismo produz subjetividades alinhadas a essa lógica e de que forma tais mecanismos influenciam as práticas feministas no ambiente digital, especialmente no Instagram.

METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza em uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e teórico analítico. Trata-se de uma pesquisa documental, uma vez que utiliza como material empírico documentos não oficiais de natureza digital, especificamente postagens públicas veiculadas na rede social Instagram. Como aponta Minayo (2014), a pesquisa qualitativa possibilita a compreensão de fenômenos sociais a partir dos significados, valores e sentidos atribuídos pelos sujeitos em seus contextos históricos e culturais. Deste modo, os documentos analisados compreendem imagens, legendas, discursos e a narrativa associados a esses conteúdos que são reconhecidos como feministas. A escolha desse material justifica-se pelo fato de que, conforme Minayo (2014), os documentos constituem fontes relevantes para a pesquisa social, uma vez que expressam práticas, discursos e representações produzidas socialmente, mesmo quando não possuem caráter oficial.

A análise do material foi realizada a partir de uma leitura crítica e interpretativa, em diálogo com o referencial teórico da psicopolítica, conforme desenvolvido por Byung-Chul Han. Assim, buscou-se identificar no perfil do Instagram analisado, elementos como a internalização da lógica neoliberal, a transformação da luta política em performance individualizada e a mercantilização do discurso feminista. A análise imagem- discursiva realizada neste trabalho baseia-se na compreensão de que a psicopolítica se manifesta não apenas em discursos explícitos, mas também na forma como os sujeitos se apresentam e se expõem no espaço digital. Diante desse entendimento, o perfil do Instagram torna a imagem um campo privilegiado de investigação crítica.

As questões apresentadas no capítulo “Para exemplificar” fazem parte do material empírico da pesquisa e são analisados de forma crítica, em diálogo com as categorias

teóricas apresentadas ao longo do texto, conforme a abordagem qualitativa em pesquisa social (MINAYO, 2014). Não haverá identificação do perfil analisado, ainda assim, é importante mencionar que trata-se de uma mulher adulta, branca, de camadas médias-altas da sociedade estadunidense, com ampla rede de apoio para os cuidados domésticos e familiares, demonstrando uma condição social que interfere na forma como são construídos e divulgados os discursos de autonomia, autocuidado e empoderamento feminino em seu perfil. A análise proposta no trabalho não tem caráter moralizante em relação às pessoas que produzem os conteúdos, busca apenas compreender criticamente os discursos e as formas de subjetivação que se observa na rede social Instagram. Por isso, no que se refere aos aspectos éticos, ressalta-se que o estudo utiliza exclusivamente conteúdos de acesso público, sem identificação de perfis ou exposição de sujeitos, preservando-se o caráter crítico e acadêmico da análise.

DESENVOLVIMENTO

1.1 Neoliberalismo como lógica subjetivante

A ideia de liberdade pode ser entendida como uma forma de guiar a vida a partir dos próprios desejos, permitindo ao indivíduo iniciar e moldar caminhos, dando forma a projetos que ainda não existem, construindo condições para a realização de si mesmo. No entanto, essa concepção clássica de liberdade entra em tensão quando observada à luz do neoliberalismo. Essa forma de governo trabalha sobre um arranjo institucional e discursivo que transforma a autonomia individual em uma lógica de autoexploração e desempenho constante. Por isso, as dinâmicas desses discursos deixam proliferar uma ideia de que a liberdade é conquistada no mercado, por meio de ‘escolhas racionais’ do consumidor, e não de conquistas históricas ou lutas na arena política (AMARAL; DAL CASTEL, 2023).

Conhecido amplamente como doutrina econômica, o neoliberalismo tem se mostrado além desse princípio. Nas sociedades ocidentais de base capitalista, é possível perceber que essa lógica se tornou modo de ‘governo da vida’, o qual implicou em mudanças nas formas de pensar e agir do ser humano, moldando valores, formas de experienciar a vida e até o jeito como nos percebemos. “O neoliberalismo não é apenas uma ideologia ou política econômica, mas um sistema normativo que estende a lógica do

capital a todas as esferas da vida.” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7). Ao se infiltrar no campo da subjetividade, essa racionalidade não atua apenas sobre comportamentos visíveis, mas sobre o modo como o sujeito se constitui. Neoliberalismo não se trata de um ‘vilão que quer manipular a população’, mas de uma lógica organizacional mercantilizada que se naturalizou e se converteu em critério de valor para a própria existência humana.

Quando se analisa aquilo que antes pertencia ao campo político-social das relações humanas, no neoliberalismo, esses problemas acabam sendo reinterpretados como questões de ordem individual. Essa mudança não se dá por coação explícita, mas por meio da internalização de uma lógica que induz os sujeitos a se perceberem como únicos responsáveis por seu próprio êxito ou fracasso. Como observa Chul Han, (2018, p. 11) “tudo aquilo que pertencia às práticas e as formas de expressão da liberdade (como a emoção, as atividades livres, a comunicação) é explorado”. Neste contexto, a liberdade deixa de ser uma escolha pessoal e natural do sujeito, e acaba se tornando um instrumento de produtividade e desempenho. Assim, essas experiências acabam transformando expressões íntimas e subjetivas em capital, não apenas para gerar valor econômico, mas também sobre uma nova forma de autoexigência e pressão interna dos próprios sujeitos.

A forma como se estruturou a organização neoliberal, traz o sujeito como ‘empresário de si mesmo’, submetidos a coações internas do próprio indivíduo sobre ele mesmo. Nessa dinâmica, a responsabilidade da exploração estrutural é dada ao indivíduo, fazendo com que falhas ou frustrações sejam internalizadas como culpa pessoal, e não como resultado de um sistema. Diante dessa racionalidade, a sociedade contemporânea não vê mais o burguês como opressor e explorador, já que, supostamente, vive a liberdade conquistada. Indo de encontro a Foucault, o biopoder se reconfigurou dentro do neoliberalismo, operando, agora, sobre a perspectiva da psicopolítica (HAN, 2018). Para Amaral e Dal Castel (2023) a psicopolítica se caracteriza por um poder enraizado na subjetividade humana, a ponto de incidir seu controle na mente dos sujeitos inseridos na sociedade neoliberal.

Quando Han (2018, pp 25) expõe a sutileza desse poder disfarçado de liberdade, ele mostra que o poder não necessariamente se expressa através da violência e da repressão, ele não precisa ser excludente nem negar a liberdade, pode até mesmo usá-la. Esse olhar mostra que a liberdade deixa de ser apenas autonomia individual para se tornar um instrumento, onde esse poder molda desejos, decisões e modos de existir, na

qual conduz os indivíduos a se autoexplorar, transformando sua própria vida em objeto de desempenho e produtividade. O autor enfatiza que esse poder, ao invés de tencionar as pessoas a obediência, tenta deixá-las dependentes, seduzindo ao invés de proibir. Ainda, ele mostra que quanto maior é o poder, mais silenciosamente ele atua.

Diante desse contexto, Han (2018) observa que “quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, ao invés de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável pela falha, e se envergonha por isso”. Essa internalização da responsabilidade transforma o sujeito em agente de sua própria exploração, gerando sentimentos de culpa e vergonha que funcionam como mecanismos de controle silencioso. Assim, o autor mostra o detalhe sutil e inteligente do regime neoliberal, pois, nessa dinâmica, não permite com que surja qualquer resistência ao sistema. Essa lógica é diferente da análise Marxista, na qual existia uma ‘ditadura do proletariado’. Contemporaneamente é observado um comportamento de autoexploração dos sujeitos sobre eles mesmos. Deste modo, esse regime “nao transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos” (HAN, 2018, p. 16).

Nesse cenário, Amaral e Dal Castel (2023) expõem que os detentores do capital, diferentemente dos capitalistas industriais, não precisam mais investir em gastos para manutenção de mão de obra, pois atualmente ela é oferecida gratuitamente pelos próprios indivíduos. Deste modo, a luz da psicopolítica de Han (2018), fica evidente que no sistema neoliberal a luta de classes se torna menos visível, pois, na produção imaterial, o sujeito acaba trabalhando sobre si mesmo, transformando seu tempo livre, criatividade e emoções em valor para o sistema, sem perceber que está sendo explorado.

Essa mudança no regime de poder também sequestrou os movimentos políticos, deslocando pautas coletivas para performances individuais de autorrealização. O feminismo nesse contexto, se configura como uma luta que teve seus fundamentos distorcidos para atender a lógica neoliberal. Como afirmam Porém, Carvalho e Braz (2023), ao conquistar espaços de direito às mulheres, o movimento feminista restringe esse ‘exito’ aos limites do proprio capitalismo, adequando a subjetividade feminina a esse modo de vida, ao invés de buscar uma ruptura. A partir dessa observação, Rottenberg (2019, apud Porém, Carvalho e Braz, 2023) mostra que o feminismo neoliberal corresponde a uma forma de feminismo que não apenas ignora as estruturas socioeconômicas e culturais que moldam nossas vidas, mas também que abandona termos feministas fundamentais como libertação e justiça social.

1.2 Instagram e o Feminismo Performático

A criação das redes sociais digitais foi, inicialmente, entendida como uma tecnologia portadora e fomentadora de um ideal libertador de comunicação, que serviria ao indivíduo como um instrumento de libertação, acesso ao conhecimento e entretenimento (AMARAL; DEL CASTEL, 2023). Entendidas como ferramentas de emancipação e acesso à informação, as redes sociais digitais também operam como meios de modulação da subjetividade, no momento em que elas orientam percepções, comportamentos, formas de se relacionar consigo e com o outro. Chul Han (2020, p. 10) reflete que nos arrastamos atrás da mídia digital e ficamos aquém da decisão consciente, pois nosso comportamento, percepção, sensação, pensamento e nossa vida em conjunto é transformado decisivamente. Por isso, com esse entendimento, a ideia de liberdade não aparece mais como ruptura do controle, mas de uma forma mais sutil, onde o sujeito se sente livre enquanto reproduz padrões que já foram previamente estruturados.

Zuboff (2018, apud Amaral e Dal Castel, 2023) argumenta que essa nova forma do capitalismo é marcada pela manipulação “constante e irrestrita de superávit comportamental, isto é, de dados comportamentais originados da atividade individual na internet de cada indivíduo e dessa interação conectados a rede”, para que “o lucro de empresas esteja voltado para transformar a experiência humana em mercadoria por meio dos dados vendidos a anunciantes”. Embora pareça que o uso das redes digitais, como o Instagram, seja voluntário e autônomo, a manipulação desses dados transforma a experiência em um mecanismo de controle, onde os usuários internalizam normas de comportamento, funcionando como agentes do próprio monitoramento e produção de valor para as plataformas.

Ao se observar o movimento feminista a luz da racionalidade neoliberal, percebe-se que a luta por igualdade e direitos passa a ser mediada pela lógica da performance, sobretudo nas redes sociais, onde visibilidade, engajamento e níveis de sucesso individual passam a substituir pautas coletivas de transformações estruturais. Como reflete em seu trabalho, Tatiane Leal (2015) mostra como a autoestima é entendida como sinônimo de sucesso e conquistas. A partir dessa visão, a autoestima foi direcionada às mulheres como potência transformadora, ficando entendido que cada uma por si só, é responsável por vencer barreiras históricas e culturais que impediram a igualdade entre os gêneros. A autora evidencia que esse deslocamento não se dá por

imposição explícita, mas por meio de discursos midiáticos inscritos na própria subjetividade, na qual convoca as mulheres a se automonitorarem e a assumirem integralmente a gestão de suas próprias vidas (LEAL, 2015, p.48).

Essa racionalidade fica especialmente visível no Instagram, onde esse mecanismo da visibilidade transforma a experiência subjetiva em desempenho público. Em uma pesquisa etnográfica, realizado por Lopes e Beck (2024), as autoras puderam observar que pelas postagens de selfies, existe uma busca pela construção de uma imagem que expresse uma vida 'perfeita e feliz', não importando ser realidade ou não, mas sim em performar para tornar traços de felicidade visíveis, assim, a subjetividade passa a ser validada por métricas de reconhecimento digital, como curtidas e comentários. A questão que se observa é, quando colocada no contexto de 'liberdade', esse comportamento passa a funcionar como autoexigência, pois as próprias mulheres incorporam a necessidade de provar continuamente sua força e sua felicidade como evidência de superação. A performance consiste em atos de registro dos corpos e das subjetividades que, incitados por forças sociais, culturais e econômicas, fabricam uma urgência em mostrar (Lopes, Beck, 2024, p.9).

Quando se observa essa dinâmica sutil incrustada na psique contemporânea, a desconstrução de estruturas sociais, econômicas e políticas passam a ter uma papel secundário, e não buscam romper com papéis tradicionais de gênero (Porém, Carvalho, Braz, 2023). Diante disso, o feminismo é constantemente ressignificado como uma narrativa de autovalorização e autocuidado, alinhada à estética do sucesso. O empoderamento deixa de ser entendido como essencial para transformação social e acaba assumindo uma forma de performance, onde a mulher é vista como empoderada quando se mostra autônoma, produtiva, confiante e esteticamente adequada ao padrão do mercado, convergindo, assim, com as demandas da agenda neoliberal.

Nesse cenário, assim como observa Medeiros (2017), a racional neoliberal e o feminismo se encontram na convergência de um ponto: na reorganização da esfera econômica. Dessa forma, o Estado não rompe com a hierarquia entre os gêneros, pelo contrario, ao invés de superar desigualdades históricas, essa convergencia reforça a divisão sexual do trabalho, colocando mulheres e homens em funções distintas com base no sexo e nos comportamentos sociais atribuídos a cada um. É inegável os avanços importantes que as lutas feministas têm produzido ao alcançar o reconhecimento dos direitos das mulheres. No entanto, esses avanços aconteceram sem que as condições

materiais (dupla jornada, sobrecarga com o cuidado, desigualdade de remuneração) fossem efetivamente transformadas, tanto na esfera produtiva quanto na privada.

Assim, sob o discurso da liberdade individual e do mérito, hierarquias patriarcais historicamente estabelecidas são recodificadas como ‘preferências pessoais’ ou “escolhas de estilos de vida”. O que antes era entendido como um efeito estrutural do sistema, atualmente o discurso se reconfigura como consequência das escolhas individuais das mulheres. Desse modo, a antiga expectativa de que a mulher fosse apenas mãe e cuidadora não desaparece, ela é reconfigurada. Agora, espera-se que a mulher seja mãe, dona de casa, bem-sucedida profissionalmente, emocionalmente equilibrada, esteticamente adequada e ainda mantenha hobbies e projetos pessoais. Como reflete Medeiros (2017), “essa autonomia pode levar a confusão entre emancipação e acomodação de valores patriarcais, dando apenas uma ‘falsa consciência’ de liberdade.

É justamente nesse ponto que o digital se torna central, funcionando como o meio pelo qual essa norma de desempenho é visibilizada, comparada e naturalizada. No ambiente digital, especialmente no Instagram, o incentivo a comunicação e exposição passam despercebidas sob o manto de liberdade, na medida em que as pessoas fornecem voluntariamente dados próprios para a modulação subjetiva para fins de acúmulo de capital e controle social (AMARAL, DAL CASTEL, 2023). Deste modo, a ideia de escolha livre é traduzida em autoexposição constante, na qual mulheres se sentem convocadas a postar que dão conta de tudo. Assim, a plataforma funciona como um espaço de validação, onde se faz circular essas imagens como forma de obter reações e tornar legítimos seus pertencimentos e subjetividades, através de curtidas e engajamento (Lopes; Beck, 2024).

Como argumentado no capítulo anterior, esse regime performativo encontra um campo fértil na racionalidade neoliberal, o qual desloca para o indivíduo a responsabilidade do seu êxito ou fracasso, tanto na vida particular quanto na profissional. No Instagram, observa-se esse deslocamento se materializando na autogestão da imagem, onde mulheres passam a agir como ‘empreendedores de si’ (Dardot; Laval, 2016) administrando sua aparência, maternidade, emprego, rotina e emoções como lógica de mercado (Porém; Carvalho; Braz, 2020). Como expõe Oksala (2019), que vê o sujeito neoliberal enxergando a aparência feminina além de seu corpo, cada vez mais como um investimento, sustentadas por meio de uma racionalidade baseada em perdas e ganhos

financeiros. Assim, o que se apresenta como liberdade de expressão e autorrealização é, na verdade, a internalização de um ideal feminino mercantilizado em nova roupagem patriarcal capitalista, que transforma modos de vida em capital simbólico e visibilidade em valor social.

1.3 Do Movimento ao Enxame

Diante do contexto, quando Han (2022) traz uma leitura da Infocracia, é possível perceber a dinâmica de dominação sustentada pelo fluxo ininterrupto de informações e pela lógica da transparência. Para o autor, a Infocracia quebra a barreira entre o público e privado, incitando os indivíduos em ‘produtor e consumidor’ constante de dados, impulsionados pela exposição voluntária proporcionada pelas redes sociais digitais. Como afirma Han (2022, p.19) “consumo e identidade se tornam a mesma coisa. A identidade é, ela própria, uma mercadoria”, e enfatiza “no regime de informação, ser livre não significa agir, mas clicar, curtir e postar”. Assim, a liberdade torna-se apenas aparente, pois o indivíduo é conduzido a participar continuamente desse ciclo de visibilidade e autopromoção. Quando observado o movimento feminista nesse desfecho, essa lógica contribui para que discursos emancipatórios sejam reconfigurados como produtos de consumo simbólico, que, em muitos casos, discursos que priorizam o engajamento e a estética digital substituem o espaço de reflexão e de ação coletiva.

A comunicação digital, para Han (2020), destrói o espaço público e aguça a individualização do ser humano, onde o narcisismo domina a comunicação digital. Como analisa Melo (2020), o “enxame”, para Han, é composto por um aglomerado de indivíduos reunidos em torno de uma rede social, que não se articulam por uma voz comum, ao contrário, esse ambiente digital favorece o cultivo da individualidade. Quando se observa o movimento feminista a luz do neoliberalismo das redes sociais percebe-se que ele também é atravessado por essa lógica do ‘enxame’, pois as manifestações de engajamento, muitas vezes, se mostram mais como performance individual do que práticas coletivas de transformação social. Assim, o que se vê com frequência em plataformas, como o Instagram, não é o feminismo enquanto luta coletiva, mas a sua estetização, que se reconfigurou em uma soma de vozes isoladas, mais voltadas para

uma autopromoção, visibilidade pessoal e consumo, do que conectado na sua proposta original de transformação social.

Conforme analisa Melo (2020, p. 74) há uma recorrência entre os sujeitos em manter e alimentar continuamente seus perfis no ambiente virtual, movimento que os conduz a um isolamento simbólico em torno do próprio “eu” ou da persona digital construída para representá-los. Esse investimento em si mesmo reflete a lógica de mercado, onde se materializa a busca de construção da felicidade individual. O autor mostra, sob mesmo entendimento de Han, que “tudo isso fragmenta e dificulta um agir coletivo em torno de causas que poderiam ser comuns”. Em seu estudo, Lopes e Beck (2024, p. 11) também observam uma “lógica cultural pautada na visibilidade, em que a imagem e visibilidade se tornou central para a afirmação de subjetividades e pertencimentos” de modo que o sujeito que performa apenas se reconhece enquanto houver o olhar do outro. Assim, essa exposição digital proporcionada pela necessidade de reconhecimento substitui as experiências de pertencimento e engajamento coletivo, expondo o caráter narcísico e competitivo das relações mediadas pelas redes.

Han (2020, p. 29-33) mostra que os indivíduos que se juntam em um “enxame” não estabelecem uma consonância discursiva. Diferentemente das massas, que se reúnem em torno de uma ação, “o habitante digital da rede não se reúne, falta a ele a interioridade da reunião que produz um ‘Nós’”. Deste modo, ele explica a volatilidade de um enxame, os quais se tornam instáveis e efêmeros, onde o descompromisso e falta de ação comum, não desenvolve nenhuma energia política. Han (2020, p. 33) argumenta ainda, que a constituição social atual “é abarcada por uma desintegração generalizada do comum e do comunitário. A solidariedade desaparece. A privatização avança até a alma.” Nas redes sociais, especialmente no Instagram, o comprometimento feminista muitas vezes se expressa por meio de gestos simbólicos como curtidas, frases de efeito, postagens esteticamente elaboradas, o qual conferem mais visibilidade individual que espaço de articulação coletiva, onde a identidade se sobrepõe à ação política. Assim, embora o movimento tenha ampliado seu alcance discursivo por meio das plataformas digitais, ele também tem sido capturado pela lógica do ‘*enxame*’, fragmentado, efêmero e atravessado pela busca de reconhecimento individual.

Diante do contexto, no entanto, é inegável notar que o movimento feminista no contexto neoliberal e tecnológico se reconfigurou para ampliar seus canais de expressão, podendo ser entendido também como uma ‘troca ambigua’. De um lado, observa-se a

captura de suas pautas por uma lógica individualizante, onde a luta histórica por igualdade de gênero é traduzida em performances que reforçam a responsabilidade individual de mulheres. Por outro lado, é possível perceber que, nas redes digitais, como o Instagram, ainda que moldadas pela lógica do mercado e da visibilidade, o movimento encontrou espaços de encontro e resistência, permitindo que diferentes vozes feministas alcancem públicos antes inacessíveis, expandindo a linguagem do empoderamento nas redes sociais. Medeiros (2017) observa esse ponto, mostrando que “o feminismo encontrou, no mercado neoliberal, um ambiente adequado para expandir-se de maneira que pelo menos a ideia mais simples de igualdade de gênero fosse adotada”, tanto por organizações Estatais, quanto divulgações por indivíduos influentes. A autora pontua que essas mudanças exacerbaram as relações identitárias entre homens e mulheres, trazendo importante atenção também, do feminismo sobre questões de raça, classe, etnia e cultura. Assim, essa troca ambígua mostra que o feminismo se reinventou no ambiente digital a partir do momento em que se apropria de ferramentas do próprio sistema que o tenta domesticar.

1.4 Para Exemplificar

Para ilustrar como o feminismo performático no Instagram opera pela lógica neoliberal, nesse capítulo será analisado o caso de um perfil popular que se tornou referência mundial na romantização da vida doméstica, maternidade intensa e feminilidade. Não será informado o nome da conta nem dados pessoais, porém será descrito os conteúdos publicados e as performances construídas na plataforma, exemplificando a dinâmica que esse trabalho se propõe a analisar. A apresentação construída nesse perfil analisado do Instagram mostra cenários sempre muito estéticos, com cores suaves, refletindo uma vida campestre, simples, com forte destaque na maternidade, onde a mulher já deu à luz a 8 crianças. Os registros são feitos em torno da figura feminina em cenas bucólicas da vida no campo, plantando, colhendo e cozinhando os próprios alimentos, usando vestimentas floridas e lenços na cabeça, realizando tarefas domésticas (elaboradas) com “leveza”, remetendo à feminilidade clássica. As mensagens passadas nas legendas reforçam gratidão, simplicidade e ‘vida perfeita’.

A performance de boa esposa e mãe do campo expõe a idealização da maternidade múltipla, onde a mulher branca, com o corpo magro, arrumada e sorridente, realiza tarefas domésticas ancestrais como um produto aspiracional para outras mulheres. O trabalho doméstico maternal é apresentado como leve e instintivo, pois o esforço e o cansaço desaparecem da narrativa visual registrada. Para Han (2018) a psicopolítica trabalha capturando afetos e produzindo subjetividades dóceis e produtivas por meio da positividade, esta, que é usada para mascarar o desgaste e transformar trabalho em encenação encantada. Em sua análise, Han (2018, p. 67 -70) mostra que recentemente o campo das emoções e dos significados também se tornaram vendidos e consumidos pelo capitalismo das emoções. Compreender que a subjetividade também pode ser um meio de produção fazendo uso da liberdade, mostra que a técnica neoliberal de poder explora essa individualidade pessoal que acredita ser livre. Deste modo, Han evidencia que “coisas não podem ser consumidas infinitamente, mas emoções sim. Emoções se desdobram para além do seu valor de uso, inaugurando assim, um novo e infinito campo de consumo” (Han, 2018, p.70).

Quando se coloca o corpo feminino como uma ‘ferramenta de influência’, assim como faz o perfil analisado, surgem questões que vão além da estética, pois se observa que a construção do corpo feminino reforça uma longa história de objetificação, que atualmente se atualizou para o ambiente digital. Assim, a performance do “ser mulher” é usada como uma vitrine dedicada exclusivamente à família e ao lar, resgatando narrativas conservadoras sobre o papel da mulher, mas disfarçado num discurso de ‘livre escolha’ e ‘estilo de vida saudável’. Esse tipo de idealização da vida doméstica e da maternidade como propósito inato para as mulheres, ignora as desigualdades estruturais que historicamente limitam suas possibilidades de existência. O estilo de vida retratado na conta analisada só é possível com muitos recursos financeiros e privilégios, no qual é sabido que seu marido, e pai das 8 crianças, é herdeiro de uma companhia aérea. Por isso, a criação dessa estética de vida simples se mostra uma ilusão, visto que, para sustentar uma propriedade rural e uma família grande, precisa de tempo disponível, equipamentos caros e ajuda (mesmo que não apareça).

Quando se retrata tarefas exaustivas em atividades prazerosas, estéticas e supostamente empoderadas, como o trabalho doméstico desde a colheita do alimento até a janta elaborada, ainda, em conciliação na criação dos filhos, cria-se uma forma de narrativa que opera pela positividade. Nessa lógica, a mulher não é mais forçada a ocupar

esse lugar, mas convidada a desejar esse papel. Pela lógica da psicopolítica descrita por Han (2018) essa dinâmica transfere o poder disciplinar para dentro da própria subjetividade, fazendo com que as pessoas se submetam voluntariamente ao contexto de dominação. Ainda, pelo alcance do perfil analisado, as imagens de maternidade plena, produtividade doméstica, funcionam como um modelo exemplar, influenciando desejos e expectativas de quem vê o conteúdo. No ambiente digital, a influência não acontece por imitação direta, mas pela produção de afetos e emoções. Como descreve Han (2018, p.72) “ a psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção para influenciar ações sobre o nível pré reflexivo (que não se tem consciência de forma expressa)”. Assim, o autor mostra que é através da emoção que as pessoas são profundamente atingidas. Deste modo, a emoção “representa um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo” (Han, 2018, p. 72).

Diante dessas observações, esse perfil no Instagram cria uma narrativa de ‘feminismo’, quando na prática reproduz o contrário. O empoderamento, nessa ótica, é estético, não emancipatório. O que se mostra ao público é uma imagem cuidadosamente construída de uma mulher plena, realizada e independente, como se esse fosse um destino natural e suficiente para sua autorrealização. Essa exposição não se sustenta em transformações sociais, políticas ou materiais, pois não há espaço para discussões sobre carreira, independência financeira e desigualdades que atravessam a vida das mulheres. Diante disso, a mulher performatizada é mostrada como plena e soberana em seu ambiente doméstico, o qual é carregado de espiritualidade, mas nunca visto como um trabalho. Esse distorção das tensões transforma a vida doméstica em um produto emocionalmente desejável. Assim como pontuou Han (2018, p. 26-27) o poder inteligente atual não é repressivo, mas sim amigável. “Ele se esforça em produzir emoções positivas e explora-las. Seduz ao invés de proibir”.

Deste modo, a captura da pauta feminista para a lógica neoliberal, ao invés de libertar, transforma a liberdade em produto para vender uma sensação de empoderamento, e não produzir mudança social. O sistema neoliberal de organização foca na produtividade econômica, e para se manter, necessita do trabalho invisível desempenhado historicamente por mulheres, como cuidar das crianças, cozinhar, limpar a casa, etc. Se essa estrutura ruir, a estrutura da organização produtiva fica instável. Com o avanço dos direitos conquistados pelo movimento feminista, o sistema “reciclou” o passado em uma nova narrativa, romantizando a estrutura patriarcal e apresentando ela

como escolha pessoal. Assim, a romantização da escolha individual da mulher em um papel tradicional, despolitiza a luta feminista. Essa lógica que organiza a vida social ganha ainda mais força pelas redes sociais, pois certas narrativas recebem visibilidade justamente por se alinharem ao que o sistema recompensa. Diante disso, a performance feminina disseminada pelo perfil analisado captura o desejo legítimo de liberdade, mas o redireciona para dentro da lógica neoliberal, agora apresentado como escolha pessoal, por isso, é mais difícil de ser questionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, buscou-se compreender de que maneira as técnicas de poder se transformaram historicamente, acompanhando as mudanças sociais, econômicas e tecnológicas, de modo a perpetuar a continuidade das lógicas de controle. Tais técnicas, entendidas como mecanismos historicamente mutáveis, se reorganizam no interior da própria racionalidade humana, moldando subjetividades e perpetuando formas sutis de controle sob o discurso da liberdade e da autonomia. Ao longo da pesquisa, buscou-se refletir sobre como o neoliberalismo, aliado à tecnologia e as redes digitais, como o Instagram, produz novas formas de domínio simbólico sob a aparência de liberdade e autonomia.

Apoiado no olhar da psicopolítica de Byung-Chul Han, esse trabalho procurou evidenciar como acontece o controle neoliberal na manutenção das estruturas de dominação, especialmente através da performatividade feminina nas redes sociais. Ao longo do desenvolvimento teórico, foi possível compreender os fundamentos da psicopolítica e seu olhar sob a lógica neoliberal, investigando como a subjetividade feminina é capturada por discursos que associam liberdade e empoderamento à visibilidade e à autopromoção. Nesse contexto, compreende-se que o neoliberalismo, se configura além de uma doutrina econômica, caracterizando-se também como uma racionalidade que atravessa a própria vida social, moldando valores, formas de experienciar o mundo e o modo como o sujeito se percebe.

O surgimento de um 'exame' digital é um conceito proposto por Byung-Chul Han de forma a descrever a configuração contemporânea de interação nas redes sociais. Diferentemente de um coletivo político, o 'exame' não se organiza em torno de um projeto político estruturado, mas reúne um ajuntamento momentâneo de indivíduos

conectados por afetos temporários como curtidas, compartilhamentos, indignações ou modas passageiras. Desta forma, trata-se de um ‘agrupamento digital’ sem coesão, onde a presença de muitos não se traduz em potência coletiva, mas fragmentada. Essa lógica reflete a racionalidade neoliberal contemporânea tecnológica, a qual transforma até o engajamento político em expressão individual e performática.

Observou-se que o espaço digital, ao mesmo tempo em que amplia a circulação de discursos e a visibilidade de causas sociais, como o movimento feminista, ao mesmo tempo também se constitui como um ambiente de controle. Diante da autoexposição proporcionada pela plataforma, o empoderamento deixa de ser compreendido como prática coletiva e política de transformação social, assumindo um caráter performático. Neste sentido, o Instagram atua como um instrumento de controle simbólico, no qual mulheres são incentivadas a reproduzir comportamentos, estéticas e valores alinhados à lógica neoliberal, sob a justificativa internalizada de “escolhas pessoais” ou “estilos de vida”. Assim, o discurso da liberdade acaba por mascarar a continuidade das desigualdades de gênero, não como fruto de uma intenção conspiratória, mas como resultado de um arranjo social e cultural que se consolidou a partir de valores e mentalidades já enraizados na sociedade.

A análise do perfil do Instagram apresentada como exemplo neste trabalho permitiu evidenciar de forma concreta, como a lógica neoliberal transforma subjetividades, emoções e modos de vida em mercadoria desejável. Com a abrangência das redes sociais, a romantização da mulher tradicional ganhou visibilidade ao produzir uma estética positiva que mascara desigualdades históricas e apresenta papéis tradicionais de gênero como escolhas individuais. Alinhado às reflexões de Han (2018), esse tipo de conteúdo mobiliza afetos para gerar adesão voluntária, e para permitir a lógica do sistema, se distorce o movimento feminista convertendo suas pautas coletivas em produtos afetivos que reforçam a mesma ordem que pretendiam questionar.

Ao analisar esse fenômeno presente no movimento feminista, compreende-se que o desafio atual não é apenas garantir o acesso à informação, mas promover uma cultura crítica capaz de resistir à perda da singularidade das formas de pensar e sentir, e à captura do discurso emancipatório pelas dinâmicas do mercado. Assim, mais do que encerrar uma discussão, este trabalho busca abrir espaços de reflexão sobre as novas formas de poder que se criaram no ambiente digital. Compreender essas dinâmicas é fundamental para que movimentos de libertação

continuem sendo um campo de resistência e de reinvenção frente às ideologias que, ainda hoje, permanecem sob novos formatos.

REFERÊNCIAS

- DAL CASTEL, Mauricio; AMARAL, Augusto Jobim do. Vigilância, tecnologia e neoliberalismo no século XXI: uma análise a partir de Byung-Chul Han. *Revista Quaestio Iuris*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 2480-2499, 2023. DOI:10.12957/rqi.2023.69387. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rqi.2023.69387>. Acesso em: 18 out. 2025.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. *No exame: perspectivas do digital*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- LEAL, Tatiane. *A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro*. 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 30 ago. 2025.
- LOPES, Julia da Fonseca; BECK, Dinah Quesada. *Da performance ao like: produção de sentidos sobre as práticas de selfie no Instagram*. Intexto, Porto Alegre, n. 56, out. 2024. DOI: 10.19132/1807-8583.56.140784. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/140784>. Acesso em: 22 out. 2025.
- MEDEIROS, Fernanda Luíza Silva de. Feminismo e neoliberalismo na contemporaneidade: uma “nova razão” para o movimento de liberação das mulheres? *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, São Carlos, v. 26, n. 3, 2018. DOI: 10.4322/tp.v26i3.613. Disponível em: <https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/613>. Acesso em: 20 out. 2025.
- MELO, Marco César de Souza. *Psicopolítica em Byung-Chul Han: novas formas de controle na civilização tecnológica*. Revista Dialectus, Fortaleza, ano 9, n. 17, p. 68-81,

maio/ago. 2020. DOI:10.30611/2020n17id60608. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/54768>. Acesso em: 16 out. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OKSALA, Johanna. O sujeito neoliberal do feminismo. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício (orgs.). *Neoliberalismo, feminismos e contracondutas: perspectivas foucaultianas*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 115-138.

PORÉM, Maria Eugênia; CARVALHO, Taynara Ferrarezi; BRAZ, Michelle Moreira. Empreendedorismo feminino e feminismo neoliberal: uma perspectiva comunicacional e crítica a partir de perfis de empreendedoras no Instagram. *Organicom*, São Paulo, v. 20, n. 41, p. 175-189, 2023. DOI:10.11606/issn.2238-2593.organicom.2023.201291. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/201291>. Acesso em: 18 out. 2025.